

## Um breve apontamento sobre o documento apresentado por A. Teodoro

Rui A. Santiago

(Universidade de Aveiro)

O documento que A. Teodoro nos deu a conhecer constitui um excelente exemplo da atmosfera revolucionária e socialista que influenciou as políticas governamentais na educação e as instituições educativas entre 1974 e 1976. Este período foi incontestavelmente caracterizado por tentativas de abertura total do sistema educativo a todos os cidadãos. A educação era percebida não só como um “dispositivo” importante para impulsionar o desenvolvimento económico, mas, fundamentalmente, como um estímulo para construir uma nova sociedade e um novo humanismo. Neste sentido, as tentativas de ruptura, pelo menos ao nível das narrativas, com o carácter tecnocrático da reforma de 1973 – influenciada pelas recomendações da OCDE e assente na visão económica das teorias do capital humano – parecem-nos ser claras.

Se no documento é possível discernir algumas preocupações “utilitaristas” com a ligação entre a educação e a economia, todavia os temas dominantes que dele é possível extrair indicam uma grande vontade de desencadear transformações e rupturas profundas com um sistema educativo colocado ao serviço do regime ditatorial anterior. Às diferentes instituições que integram os diferentes níveis do sistema educativo é “exigido” uma maior integração na sociedade portuguesa, principalmente na promoção da igualdade de oportunidades, na procura de respostas para os problemas nacionais e na disponibilização dos seus recursos técnicos e científicos para as transformações em curso no estado e na administração pública.

Podemos compreender melhor o documento apresentado se situarmos o seu conjunto de narrativas, sobre as finalidades, estruturas e processos educativos, no âmbito dos “ambientes” criados pelos discursos políticos da época que emergiam na maioria dos partidos políticos (principalmente à esquerda). Por exemplo, recorde-se que, em 1974, o programa do Partido Socialista, vencedor das primeiras eleições democráticas após a revolução, para além das asserções sobre o que a escola não deveria ser – um instrumento de difusão da ideologia da sociedade de classes baseada na relação pedagógica dominante-dominado; um instrumento de submissão dos jovens à agressão de um sistema opressor; um instrumento de exploração cultural e de reprodução das relações de produção da sociedade de classes – afirma enfaticamente o que ela deveria ser – indissociável da revolução social orientada para a contestação das estruturas capitalistas.